

# *Soluções dependem de verbas*

O incentivo do governo federal a projetos descentralizados de alfabetização, que partam das prefeituras municipais e das entidades comunitárias, pode ser um caminho a ser trilhado rumo aos objetivos do futuro ministro Carlos Chiarelli, na opinião dos educadores. "Podem ser usadas maneiras diferentes de se chegar a um mesmo lugar", diz o professor Divonzir Gusso, do Ipea.

Para isso, verbas para educação não devem ser poupad as. Levantamento do Ipea mostrou que o governo federal terá que investir 5,5% do Produto Interno Bruto brasileiro (US\$ 19 bilhões) no próximos 15 anos, para acabar com o analfabetismo.

É com mais verbas também que se poderão finalmente formar e remunerar melhor os professores, uma necessidade apontada por todos os que lidam com educação. "Se a categoria de professores não se afinar com o novo governo, não vai acontecer rigorosamente nada na educação brasileira", afirma Divonzir Gusso.

A diretora técnica da Fundação Educar, Maria do Socorro Emerenciano, que responde interinamente pela presidência da entidade, alega que, por falta de recursos, a Fundação não fez mais do que manter 871 mil alunos em sala de aula. Ela teme que a fundação seja extinta com o novo governo. "Seria um prejuízo grande na nossa luta contra o analfabetismo", justifica.

De fato, apesar do fracasso, há o que se aproveitar, até mesmo do antigo Mobral: a infra-estrutura montada pela instituição. Materiais bem elaborados, jogos, atlas e livros foram confeccionados especialmente para o projeto mas não chegaram aos alunos. "É até surpreendente que se tenha montado a máquina que se montou para alfabetizar", diz Elba Barreto, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, sugerindo que se verifique o que foi feito dessas coisas. "Não é possível desbaratar o que já estava montado. É preciso aproveitar isso".